



O QUE É DIZER QUE O IMPOSSÍVEL PARA SCOTUS TEM UM SENTIDO METAFÍSICO E OUTRO LÓGICO?

Pablo Fernando Campos Pimentel¹, Roberto Hofmeister Pich (orientador)

¹Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS

Resumo

A teoria Scotista sobre o impossível pressupõe duas noções que em certa medida se faziam correntes na maneira como os filósofos medievais produziam e desenvolviam seus textos, a saber, uma estrutura metafísica ou ontológica, que, todavia, pressupõe a impossibilidade nos objetos ou nas criaturas, uma vez que estes estão em relação com Deus. Essa questão se desdobra nas obras de Scotus tendo como fundamentais, as opiniões de Henrique de Gand, outro autor medieval, que, como Scotus dedicou boa parte de seus escritos a esse tema. E uma segunda noção Scotista sobre o referido tema seria aquela que podemos chamar de lógico/formal, pois, a filosofia medieval e seus grandes pensadores tinham como livros-base as obras de Aristóteles, aprendendo assim a desenvolver seus escritos a partir da lógica aristotélica. A forma de estrutura da lógica aristotélica pode ser contemplada em boa parte dos escritos medievais.

Tratar as considerações de Scotus sobre o que para ele é dizer que algo é impossível, a saber, de uma perspectiva metafísica e por outro lado e não menos importante, sob uma perspectiva lógica, são questões de grande significação para a filosofia Scotista, que, em última instância nunca deixou de investigar a Causa Primeira, que é Deus. O que Deus pode e não pode fazer, qual é o tipo de conhecimento que Deus tem das coisas. Debatendo esses pontos específicos com autores contemporâneos a ele, que por esse motivo, abordaram quase os mesmos temas em suas obras. Um desses autores contemporâneos a Scotus e também um de seus principais interlocutores, o não menos impactante Henrique de Gand, que apresenta o

¹ Autor do presente artigo, graduando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do sul, pablo.pimentel@acad.pucrs.br.

mesmo tipo de profundidade ao de Scotus no que diz respeito às estruturas lógico/metafísicas ao abordar a questão do que é dizer o impossível em Deus. Desvelar o pensamento Scotista através de um autor que, como ele, é de uma profundidade inigualável, não é tarefa muito fácil, mas a morosidade é válida.

Ao analisar-se a quadragésima terceira distinção, a saber, na *Lectura I, Ordinatio*, e *Reportatio Parisiensis*, pode-se fazer um cotejamento e ao mesmo tempo perceber um amadurecimento no pensamento de Scotus. Sabendo-se de antemão, que a *Lectura I* era apenas uma preleção escrita ainda em Oxford ao que mais tarde seria a *Ordinatio* com melhor acabamento no tocante às idéias defendidas, bem como a *Ordinatio* serviu como base para o que viria a ser a *Reportatio Parisiensis*, texto apresentado mais tarde em Paris, encontrado na forma de transcrição por parte de alunos. Embora possa se perceber muitos retoques nessas duas versões subseqüentes dos comentários às questões de Pedro Lombardo, particularmente pode-se notar algo em comum nas três obras, exemplo disso é como Scotus sempre inicia suas exposições, primeiramente, defendendo que “a impossibilidade é proveniente da parte de Deus que faz”, e a seguir com argumentos a favor e argumentos contra essa tese.

Observa-se que na transição da distinção de uma obra à outra, o pensamento de Scotus foi amadurecendo, mesmo que com argumentos sutis, pode-se perceber o tratamento dado às questões e também a diferenciação que vai fazendo com as idéias de Henrique de Gand, seu principal interlocutor, a saber, da constatação que faz entre dois *textos quodlibetales* de Henrique de Gand, onde primeiramente este escreve que a impossibilidade de algo ser feito está na coisa e num segundo momento, em outro texto, o mesmo se contradiz dizendo que: algo ser impossível seja primeiramente da parte de Deus que não pode fazer algo.

Chegando a essa constatação, Scotus, parte para a conclusão metafísica, de que Deus não pode, primeiramente, porque esse algo de si, não tem capacidade para que seja possível, e numa relação passiva da criatura com Deus, Deus é dito não potente, mas não, de si primeiramente, mas, somente em relação à criatura, para daí, sim chegar ao ponto lógico/formal, de que Deus não pode fazer algo que é contra o que pré-determinou, a saber, de que os contraditórios sejam simultaneamente possíveis. Portanto, Deus não pode, porque primeiramente a coisa repugna de si o existir, por uma causa formal das partes serem incompatíveis entre si.